

A prostituta e a prostituição retratadas em *Beira rio beira vida*, de Assis Brasil

The prostitute and prostitution pictured in Beira rio beira vida, by Assis Brasil

Irisneide Máximo

Mestra em História pela Universidade Federal do Piauí

Resumo: *Beira rio beira vida*, de Assis Brasil, é um romance que retrata a vida de homens e mulheres pobres que vivem às margens do rio Parnaíba e à margem da sociedade parnaibana, tal qual o cotidiano das mulheres prostitutas e da prostituição que se desenvolve na região do cais num contexto de profundas transformações sociais e urbanas entre as décadas de 30 e 40 do século XX. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar como se configura a narrativa de Assis Brasil sobre a prostituição, assim como as transformações que envolvem a cidade no período afetam as relações entre as classes sociais e a condição de vida das pessoas marginalizadas, sobretudo as prostitutas. Nesse contexto, considerava-se que a circulação das prostitutas e a presença das casas de palha afetavam negativamente a imagem de Parnaíba, passando assim a serem tomadas como um problema urbano. Havia uma preocupação dos agentes públicos em fiscalizar e controlar a circulação das mulheres e o comércio sexual no cais. Logo, um espaço específico deveria ser legitimado para a prática do meretrício, distante dos habitantes da “cidade” e dos visitantes que aportavam no cais. O romance registra uma temporalidade marcada pela hierarquização da sociedade parnaibana. É uma narrativa que se desenvolve a partir das reminiscências de Luíza que a constrói intercalando

Abstract: *Beira rio beira vida*, from Assis Brasil, is a novel that portrays the lives of poor men and women who live on the banks of the Parnaíba River and on the margins of Parnaiban society, just like the daily lives of women prostitutes and the prostitution that develops in the wharf region in a context of profound social and urban transformations between the 30s and 40s of the 20th century. In this sense, the objective of this work is to analyze how Assis Brasil’s narrative about prostitution is configured, as well as the transformations that involve the city in the period affect the relations between social classes and the living conditions of marginalized people, especially prostitutes. . In this context, it was considered that the circulation of prostitutes and the presence of thatched houses negatively affected Parnaíba’s image, thus becoming considered an urban problem. There was a concern by public officials to inspect and control the circulation of women and the sex trade on the pier. Therefore, a specific space should be legitimized for the practice of meretrício, far from the inhabitants of the “city” and the visitors who docked at the pier. The novel registers a temporality marked by the hierarchy of Parnaiban society. It is a narrative that develops from the reminiscences of Luíza who builds it by interleaving temporalities of a linear and at the same time repetitive life.

temporalidades de uma vida linear e ao mesmo tempo repetitiva. O autor tece formulações de causa e efeito sobre a prostituição e revela através de suas protagonistas o estado de subsistência de mulheres expostas à pobreza e aos preconceitos sociais e morais.

Palavras chave: História e Literatura; Parnaíba; *Beira rio beira vida*; Assis Brasil; Prostituição.

The author weaves formulations of cause and effect on prostitution and reveals through its protagonists the state of subsistence of women exposed to poverty and social and moral prejudices.

Keywords: History and Literature; Parnaíba; *Beira rio beira vida*; Assis Brasil; Prostitution.

Introdução

A obra literária *Beira rio beira vida*, escrita pelo autor piauiense natural de Parnaíba Francisco de Assis Almeida Brasil, foi publicada pela primeira vez em 1965. O romance retrata a vida de homens e mulheres pobres que vivem às margens do rio Parnaíba e à margem da sociedade parnaibana. São evidenciados o cotidiano do cais, o *modus vivendi* da região, que envolve pessoas simples, tal como o trabalho duro e diário de marinheiros e a trajetória triste e miserável de mulheres prostitutas, a qual o autor se refere como Beira Vida.

Nesse universo Assis Brasil, de forma inovadora e incomum, concede voz a uma narradora que foge aos padrões. Diante de uma sociedade marcada por rígidas questões morais e que disciplina o comportamento das mulheres, Luíza é uma mulher que narra não só a sua trajetória, como a de toda uma dinastia de mulheres destinadas a viverem da prostituição. O romance se passa em uma Parnaíba que vive tempos áureos de sua economia entre as décadas de 30 e 40 do século XX, período em que sofre profundas transformações sociais e urbanas, narradas sob a ótica de uma mulher pobre e prostituta.

Luíza, personagem que protagoniza a narrativa, conviveu com a sua mãe Cremilda, uma “mulher da vida” e também filha de uma prostituta, de modo que no romance são representadas três gerações de mulheres que se relacionavam com homens, sobretudo com os marinheiros do cais, para garantir a sua subsistência. Já velha e debilitada, a protagonista externaliza as suas memórias para a filha Mundoca – a esperança do encerramento de um ciclo infundável de prostituição – em passagens marcadas por recordações de fatos importantes do seu passado: a infância, a figura da mãe como uma mulher ambiciosa e frívola, Jessé como seu companheiro de travessuras e Nuno, seu primeiro amor e pai de sua filha, marinheiro do qual sempre aguarda o retorno à beira do cais.

Vale ressaltar que, apesar do autor conceder voz e autonomia narrativa à uma mulher pobre e prostituta, a sua produção trata-se da visão de um homem, branco, heterossexual e de classe média, pertencente ao mundo dos bem afortunados, sendo assim permeada por estigmas e juízos de valor (mais adiante nos ateremos a essa questão). Apesar da sensibilidade, configura-se como um olhar de fora, de alguém aquém dessa realidade, mas que ainda assim apresenta uma visão autêntica e atenta à vida e ao cotidiano de pessoas miseráveis que vivem à margem da sociedade.

A escritura literária pode ser considerada um reflexo que dialoga e refrata a realidade social, econômica e política de seu tempo. Nesse sentido, segundo Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz “[...] as questões sociais e nacionais são aspectos extremamente relevantes das vertentes românticas da literatura como também a substância mais consistente dos modelos ditos realistas” (QUEIROZ, 1998, p. 104).

Nesse mesmo sentido, Margareth Rago afirma que “a literatura pode nos revelar aspectos importantes das formas de pensar e sentir de uma determinada sociedade. Os romances traduzem os anseios, captam as angústias, fantasias, desejos de uma determinada época, e não apenas de uma classe social a que pertenceria o autor” (RAGO, 2008, p. 30-31).

A Literatura, bem como a História, produz representações sobre o social e o mundo, de modo que aquela pode e deve ser estudada para que haja uma melhor compreensão do contexto em que foi produzida. Diante dessa afirmativa e ao lançar mão da interdisciplinaridade, observa-se que qualquer produção cultural possui uma carga histórica, visto que imprime na sua concepção aspectos característicos de seu tempo, sendo assim indiscutivelmente uma rica fonte de pesquisa ao historiador. Mas é necessário ter em mente que a literatura, antes de ser uma fonte de pesquisa, é uma produção artística e como tal, segundo José D’Assunção Barros (2010), precisa ser atraente para o público modificando assim, em muitos casos, a realidade. Portanto, a obra de arte literária não pode ser entendida como uma representação direta da realidade, pelo contrário, possui uma natureza autônoma em relação à realidade que representa.

A narrativa de *Beira rio beira vida* pode ser caracterizada como uma atitude política do escritor Assis Brasil que denuncia uma estratificação social perversa, injusta e sem muitas alterações, na qual uns nasceram para dar esmolas e outros para receber. A obra caracteriza aspectos da prostituição originária de causas sociais no seio de uma sociedade fechada, conservadora e moralista. A escritura do autor é marcada pela constatação e contestação de problemas sociais existentes em Parnaíba. Assis Brasil rompe com o conservadorismo da burguesia quando concebe personagens que destoam dos padrões da conduta moralmente aceita, retrata suas condições de vida e aponta o socialmente invisível, como a pobreza, a exploração dos trabalhadores do cais e, sobretudo, a trama das mulheres prostitutas.

Parnaíba por Luíza

É possível fazer inúmeras leituras sobre a cidade, bem como diversas representações a partir das diferentes realidades sociais que convivem no seu espaço. Compreendê-la na sua complexidade e multiplicidade requer uma boa dose de reflexão acerca das representações que nela são produzidas e que se legitimam nas práticas sociais. De acordo com Déa Felon, só se compreende a cidade ao levar em conta o que ela representa para os indivíduos que nela habitam se atentando aos “modos de viver, de morar, de lutar, de trabalhar e de se divertir dos moradores” (FENELON, 1999, p. 6).

Nesse sentido, é a partir da perspectiva de Luíza que compreenderemos aspectos humanos e sociais de Parnaíba, como as relações entre as classes sociais, as condições de vida das pes-

soas marginalizadas, especialmente as prostitutas, bem como o processo de urbanização pelo qual passa a cidade no período. Ao particularizar aspectos da prostituição, Assis Brasil revela uma certa totalidade social estruturada em camadas desiguais, no qual os ricos são beneficiários e favorecidos de um sistema organizado em seu benefício, ao passo que para os pobres resta apenas a miséria e o conformismo.

Corroborando com essa perspectiva, Cleto Sandys Nascimento de Sousa, com base na análise de publicações entre 1924 e 1941 afirma: “A cidade foi, aos poucos, cedendo às pressões sociais de uma elite desejosa de uma nova cidade moderna, com suas praças arborizadas e limpas. [...] uma mudança considerável na moda, no lazer, na política, na religião e na economia” (SOUSA, 2018, p. 143).

No entanto, o processo de modernização do espaço urbano não alcançou a cidade como um todo (SOUSA, 2018). Nesse sentido, “para o grosso da população o ‘espetáculo’ da belle époque praticamente não existiu” (SILVA, 2012, p. 44). Para os pobres, a Modernidade “[...] foi muitas vezes apenas uma vaga notícia” (SILVA, 2012, p. 45). A Parnaíba que abriga o cais, espaço em que vivem dona Cremilda, Luíza e sua filha Mundoca, corresponde à uma região marginalizada de Parnaíba, a cidade da Praça da Graça e das ruas urbanizadas onde moram as pessoas ricas. São duas realidades distintas convivendo no mesmo espaço urbano. As duas cidades retratadas por Assis Brasil são edificadas de forma subjetiva, calcadas em saberes e sensibilidades que constroem vidas e acontecimentos para além da estrutura física. Sob a ótica de Luíza é possível visualizar os símbolos que caracterizam cada uma das cidades que representam realidades distintas, mas convergentes:

Além das muralhas invisíveis que margeavam o centro da cidade, havia outra, sem praças arborizadas, sem calçamento poliédrico, sem o luxo dos palacetes, sem escolas. Era a cidade da gente pobre, dos trabalhadores no comércio, das empregadas domésticas, dos estivadores do cais, que carregavam nos ombros toda a modernização, sem poder dela usufruir. (SOUSA, 2018, p. 158)

A cidade de Luíza e seus pares fica à beira do rio: é o cais, é o lugar das sensações, onde ecoa o grito dos canoeiros, o apito das barcas, as gargalhadas escandalosas das mulheres da vida. Região na qual as pessoas moram em barracões de madeira, se alimentam uma única vez ao dia, as ruas são de barro e alagadiças, um espaço restrito ao trabalho, ao desvio, à pobreza, à miséria. No cais, as mulheres já nascem com o destino traçado, sem prognóstico de mudanças, destinadas à um futuro sombrio de permanências tristes.

Nesse meio, as mulheres ainda na juventude são coisificadas e transformadas em objetos de desejo e prazer dos homens, em que a primeira menstruação é considerada um rito de passagem que as tornam aptas ao “trabalho”, prontas para se relacionarem com os homens e auxiliarem na renda da casa. Desde a sua iniciação sexual e “mesmo vinte anos mais ou quarenta continuaria pelas tardes no cais [...]” (BRASIL, 2013, p. 20). Suas vidas seriam as mesmas até o fim, trajetórias desvalidas marcadas pela aceitação, como podemos observar no seguinte trecho: “Uma submissão completa. Assim, nada mudava, todos sabiam e aceitavam, a vida era aquela

[...]” (BRASIL, 2013, p. 69). Nesse mesmo sentido, Souza destaca que: “Para as mulheres pobres, os papéis consagrados eram de empregada, doméstica, lavadeira, cozinheira, no comércio ambulante e na prostituição[...]” (SOUZA, 2018, p. 77).

Por outro lado, na “cidade” da Praça da Graça – símbolo da modernização – outra vida se desenvolve. É importante destacar que, de acordo com a narrativa de Assis Brasil, apenas a parte urbanizada de Parnaíba é considerada cidade, enquanto “o resto não é cidade para ninguém” (BRASIL, 2013, p. 52). Logo, atrás dos muros simbólicos erguidos entre o cais e a cidade, e que demarcam o lugar social das pessoas, uma outra vida se desenvolve, isto é, há um *modus vivendi* mais luxuoso, “[...] um ambiente idealizado pela classe média burguesa que, acostumada a viajar aos grandes centros urbanos europeus, tentava reproduzir na cidade a arquitetura europeia. Os comerciantes imitavam minimamente um estilo de vida que procuravam legitimar” (SOUZA, 2018, p. 145). Nessa cidade a mulheres atendiam a um rígido conjunto de normas que regulavam sua conduta em nome da moral e dos bons costumes. Nesse viés, como destaca Souza, “as ações femininas variavam da socialização no âmbito da igreja e da educação, chegando até ao trabalho assistencialista desenvolvido em parceria com o projeto de modernização em curso no período” (SOUZA, 2018, p. 44). Elas representavam um ideal de elegância e delicadeza feminina.

Para os moradores dessa cidade, a modernização do espaço urbano estava diretamente atrelada ao discurso higienista, preocupavam-se com a disseminação de doenças, assim como com a higienização visual, que tinha como objetivo afastar os miseráveis, leprosos e as prostitutas do seu convívio social. O velho cais lamacento, sujo e povoado por prostitutas representava o atraso que a sociedade moderna de Parnaíba almejava deixar para trás. A elite parnaibana criou seus próprios espaços de sociabilidade que separava ricos de pobres, de modo que cada grupo deveria permanecer na sua zona.

Ainda segundo a narrativa de Assis Brasil, as casas de palha dificultavam a abertura de ruas e avenidas, assim como a presença das prostitutas no cais também causava incômodo ao “envergonhar” a população “direita” aos olhos dos visitantes. Dessa forma, além do ordenamento de ruas e avenidas, também houve a preocupação em restringir as atividades das prostitutas, chegando ao ponto de haver a interferência policial direta para que não frequentassem o cais, em que foi estabelecida apenas uma rua destinada exclusivamente para esse tipo de comércio:

A cidade crescendo, já falavam em pista de automóveis, em paralelepípedo – as casas de taipa não podiam ficar ali onde passariam novas ruas e avenidas – a polícia andava proibindo as mulheres de subirem nos gaiolas ou descerem nas barcas que chegavam. Tinha um guarda que até espancava – vão fazer vida noutra lugar, desavergonhadas, não respeitam as famílias direitas. Uma rua estava sendo ajeitada para elas, bem distante do cais e dos olhos hipócritas daquela gente, para que não causassem má impressão. (BRASIL, 2013, p. 153).

Aos olhos da população mais favorecida, a circulação das prostitutas e as casas de palha manchavam a imagem de Parnaíba e passaram a ser consideradas um problema urbano. Havia uma preocupação dos agentes públicos em fiscalizar e controlar a circulação das mulheres e o

comercio sexual no cais, assim um espaço deveria ser legitimado para a prática do meretrício, longe do convívio dos habitantes da “cidade” e dos visitantes que aportavam no cais. Esses discursos que disciplinam o comportamento das mulheres e os espaços são atravessados por questões de gênero e relações de poder.

Nessa cidade, pobres e mulheres de moral questionável, afetados pela limpeza urbana, devem ficar longe com as suas doenças e desordens. Dona Cremilda, mesmo com a quantia em dinheiro suficiente, é impedida de realizar a compra de uma moradia na “cidade”. O centro é um espaço no qual indivíduos como ela não são bem-vindos:

Eles disseram que meu dinheiro não dá. Pra quê? Pra comprar uma casa aqui na cidade. Sei que é mentira, eles não querem é me vender. Um ainda disse: ‘Mesmo a senhora não pode se mudar pra cidade’. Foi o que um deles disse, Luíza, e os outros acharam graça (BRASIL, 2013, p. 41).

Com base num discurso legitimado socialmente de higienização e salubridade, os pobres e as prostitutas devem ser separados do restante da população da cidade. Tal segregação e noção de superioridade desencadeou e alimentou um imaginário popular estereotipado acerca dos moradores do cais como, por exemplo, as ideias de acomodação e conformismo. Essa concepção do conformismo pode ser questionada no personagem Jessé, um menino pobre e órfão criado por Cremilda, que vive do trabalho no cais. Jessé, apesar das dificuldades que enfrenta, almeja uma vida melhor e mais confortável, desejando estudar e prosperar economicamente. As suas ambições são motivo de chacota entre os trabalhadores e a sua mãe adotiva, que acreditam (e entendem) que, nesse contexto, a escola não é acessível aos ribeirinhos:

Dona Cremilda, eu queria estudar. Pra que menino? Ora eu queria. Ela saiu de perto do pilador barulhento, pegou Jessé pela mão, foi bem pro meio do armazém, e gritou pra todo mundo ouvir: Olhem aí, querendo ser doutor, passar por gente rica. (BRASIL, 2013, p. 49)

O personagem não surge como um sujeito conformado com a vida que levava, mas os muros simbólicos o impediram de alcançar seus objetivos. Jessé, assim como os pobres em geral e as prostitutas, não tem acesso à escola e, conseqüentemente, à educação formal, que aqui se apresenta como um privilégio da elite. No entanto, isso não o impede de desejar condições melhores e de criar situações para mudar de vida.

Luíza e sua mãe Cremilda também buscam melhorar sua condição, a primeira através do casamento e a segunda por meio do acúmulo de bens materiais. De certa forma, esses aspectos se acomodam dentro das expectativas sociais. Ambas pretendem ser aceitas socialmente: Luíza por meio do matrimônio e Cremilda pelo padrão econômico, posse e poder.

A prostituta estigmatizada

A burguesia criou uma representação de mundo ideal baseada em preceitos morais que entram em confronto com o comportamento dos grupos marginais. As regras de conduta im-

postas por essa pequena parcela da sociedade, que repreende e condena os excessos e desarranjos comportamentais, não se ajustam às condições de vida de indivíduos de origem mais humilde. Deste modo, os comportamentos que não se adequam às regras entram em choque com esse modelo idealizado de vida.

Segundo Margareth Rago (2008), os saberes especializados – médicos, higienistas e juristas – construíram masculinamente a identidade da prostituta, o que significou silenciá-la e estigmatizá-la. “O enquadramento conceitual da mulher enquanto ‘rainha do lar’ ou ‘mulher da vida’ foi o caminho que os homens cultos do período encontraram para se referirem à condição feminina” (RAGO, 2008, p. 22). Nesse sentido, compreendemos que, por mais sensível que seja a narrativa de Assis Brasil, trata-se de uma visão e construção masculina da imagem da prostituta e sobre a prostituição, visão esta que estigmatiza e enquadra a condição feminina nos conceitos descritos acima.

Ao analisar a produção literária das primeiras décadas do século XX sobre a prostituição, Rago afirma que:

Enquanto as *femmes fatales* dos romances paulistas dos anos 20 são mulheres essencialmente urbanas, ou que se adaptaram às exigências e à velocidade da vida na cidade moderna, como Nenê Romano (Goulart), Cláudia (Cobra), Maria Alice (Caiuby), Kundry (Pichia), as *prostitutas vitimizadas* pelo destino são efeitos da inexperiência e da ingenuidade frente ao mundo urbano. Falar de sua vitimização pelo destino cruel supõe situá-las, como fazem os autores, no espaço urbano moderno: mundo corrompido pela degeneração dos costumes, pelo relaxamento dos laços familiares e pela indiferença entre os indivíduos atomizados, aí o ser humano perdeu toda a capacidade de autocontrole. A prostituição, nesse caso, decorre de um fenômeno de violenta desterritorialização sofrida pela mulher. (RAGO, 2008, p. 240, grifo da autora)

Assis Brasil enquadra politicamente suas personagens na vitimização da prostituta e da prostituição. Em *Beira rio beira vida* as prostitutas são retratadas e enquadradas em duas categorias: hora como vítima da pobreza, hora como vítima da promiscuidade. A primeira é socialmente rotulada como uma vítima da sociedade, obrigada a se prostituir como única forma de sobrevivência, o que de certa forma a desresponsabiliza por sua condição tornando-a, assim, passível de compaixão. A segunda é promiscua por natureza, uma desviante moral consciente, uma pervertida. Essa última sempre foi socialmente julgada como responsável por sua condição e merecedora de toda a violência e infortúnio que a acometa.

Nessa perspectiva, a personagem central Luíza é a vitimizada pelo acaso, que não tem outra opção a não ser se prostituir para sobreviver, uma vez que a sua condição fora imposta pelo destino: “Nunca conheci outra vida, tudo foi se ajeitando normalmente, acontecendo, acontecendo. Tudo parecia natural para mim, não era de pensar muito” (BRASIL, 2013, p. 44).

Por seu turno, a sua mãe, de certo modo, situa-se entre a figura da mulher promiscua e da prostituta vitimizada. Ela também é considerada uma vítima do acaso, já que é filha de prostituta, “quem sabe o que sofreu da própria mãe?” (BRASIL, 2013, p. 35), mas é vista como pervertida. Mundoca é a única que consegue fugir a esse prisma. Apesar de ser filha e neta de

prostitutas e com todos os condicionantes que tentam determinar a sua trajetória, a personagem consegue escapar desse destino, embora não possa se desvencilhar do estigma. Mundoca não é prostituta, mas é filha de uma.

Luíza, por seu turno, é retratada como uma mulher simples, sem ambições e pode ser considerada uma prostituta honesta e de alma pura. Não se envergonha do seu passado, mas sente-se culpada e atravessada por questões morais. Deste modo, busca “regeneração” moral ao proteger e desejar um futuro diferente para sua filha Mundoca. Luíza sente orgulho de proteger a filha de suas vivências enquanto prostituta, evitando que esta perceba a movimentação de homens em sua casa, bem como os barulhos durante as relações sexuais para que ela não se familiarizasse: “Eu tinha tanto medo, ela vai aprender, eu pensava, ela vai saber de tudo e depois jogar na minha cara, dizer que não teve culpa” (BRASIL, 2013, p. 35). Assim, pôde contar para a filha que não teve uma vida atoa,

[...] como falar o povo ruim. Uma vida sincera – que não acreditem – honesta. Mas só podia dizer isso para a filha, para que não a olhassem escandalizados. ‘Mundoca, eu tive uma vida honesta, você acredita?’ ‘Não fui uma mulher ruim como a minha mãe; ela fazia a vida que eu fazia, mas ajuntava a maldade’. (BRASIL, 2013, p. 129)

Luíza faz questão de se distanciar da conduta de sua mãe. Se Cremilda não se preocupou em poupá-la “dessa vida” ou não a protegeu, a protagonista o fez por sua filha Mundoca, a protegeu e desejou para ela um futuro diferente. É perceptível também que a sua condição de vida não é compreendida da mesma forma por outras pessoas que encarariam escandalizadas o seu discurso.

Cremilda é retratada como uma mulher ambiciosa e desonesta, capaz de tudo para se dar bem e acumular riquezas, nem que para isso lance mão da trapaça e do roubo de carteiras, caso surja oportunidade. Enquanto para a sua filha a primeira menstruação parecia ser uma sina ou um castigo, Cremilda parece satisfeita uma vez que a filha já pode auxiliar nas finanças da casa: “Agora você pode ter homem, besta. E até que pode ajudar sua velha mãe” (BRASIL, 2013, p. 54). Cremilda é desavergonhada e exibida, fazia questão de vangloriar-se para a filha: “Você viu, Luíza, aquele mulato alto? Quase me matou, o desgraçado” (BRASIL, 2013, p. 48). Também era uma característica da sua vaidade colecionar retratos dos homens com quem se relacionava enfileirados na parede da sua sala. Tal coleção de retratos emoldurados lhe proporcionava uma sensação de poder, de importância, afinal: “nenhuma mulher do cais teve tanto homem” (BRASIL, 2013, p. 159). Outra característica que pode ser considerada perversa de Cremilda é que esta, além de não ter poupado a filha, também se propunha a ensinar Luíza como agir com os homens no ato.

De diferentes formas, tanto Luíza quanto Cremilda buscaram mudar de vida e criar situações que as livrassem da prostituição, o que significa dizer que ambas as personagens não eram tão conformadas como a princípio pôde parecer. Cada uma, a seu modo, buscava a aceitação e, porque não dizer: o respeito da sociedade parnaibana.

Luíza, desde o seu nascimento, foi encarregada de um fado que não escolheu: filha de prostituta, mulher do cais, seu destino certo era se tornar uma mulher do cais e engravidar de algum marinheiro. E assim ocorreu: se entregou a Nuno, por amor, até recebeu pagamento por ter se deitado com ele, mas afirma que foi por amor: “O rio, o cais, as barcas, as estrelas, Deus, todos sabiam que conheceu Nuno por amor” (BRASIL, 2013, p. 73). Luíza tem uma visão romântica desse fato a ponto de não gastar o dinheiro que recebeu na ocasião, decidindo guardar de recordação. Logo, ela engravida do marinheiro, como bem desconfiava a sua mãe: “eu sabia, eu sabia, se enfeitando toda como se fosse gente” (BRASIL, 2013, p. 34). Abandonada e grávida Luíza decide esperar pelo retorno de Nuno, e aguardava. Ele volta, Mundoca já nascida, mas não acredita ser o pai da criança e não a reconhece como sua filha, pois filho de mulher do cais não tem pai. A própria Luíza não sabia quem era o seu pai, dado que sua mãe nunca lhe contara o nome verdadeiro dele, apenas apontava qualquer um dos homens de barba dispostos nos retratos na parede.

Nuno foi o seu primeiro homem, foi quem abriu caminho para muitos outros que vieram, para o início da trajetória de mais uma mulher do cais. Os marinheiros iam e vinham, diferentes homens sempre com o mesmo quepe azul, a mesma farda de botões dourados, os mesmos que passaram por sua mãe, sua avó e bisavó. Após se achar grávida e sem perspectivas, Luíza projeta em Jessé a sua única oportunidade de mudança: se casaria com ele e seria fiel. Jessé era um homem bom, “queria remediar tudo, remediar o destino[...] morariam numa casinha de tijolos em Parnaíba (ah, o sonho) [...]” (BRASIL, 2013, p. 107).

A morte trágica de Jessé frustrou os planos que Luíza fez para o seu futuro, como numa advertência. Para ela, a morte de Jessé é apenas mais uma parte de sua má sorte, da sua sina, para que ela não virasse uma senhora casada: “A morte, para que Jessé não a tornasse respeitável – tal coisa, tamanha coisa, não podia acontecer no cais, nunca acontecera em sua família. Por que pensara? Por que se iludira?” (BRASIL, 2013, p. 112).

Cremilda, esperta e ambiciosa, desejava sair da miséria a qualquer custo. Mirou num velho rico e viúvo para alcançar o seu objetivo. O Velho Santana, dono do Armazém Santana e fábrica de pilar arroz, seria a sua vítima e passaporte para melhorar de vida. Em breve seria alguém no cais, todos respeitariam o seu nome, o seu dinheiro.

Aproximou-se do velho, fez amor com ele, ganhou sua confiança e em pouco tempo passaram a viver juntos. Cremilda se tornou o braço forte da casa, esperta logo se interessou em aprender sobre os negócios. Quando o velho morreu ela herdou o armazém, o qual passou a gerenciar. Durante um tempo foi bem-sucedida e respeitada como um dia almejou ser, conseguiu fazer uma pequena fortuna, “mas quem já se viu uma mulher do cais feito industrial?” (BRASIL, 2013, p. 31). Cremilda perde tudo e acredita que jamais conseguirá ser bem-sucedida e respeitada, afinal seu destino era ser puta, uma mulher do cais: “De que adiantou tamanho sacrifício se eu sei, sempre soube, que um dia ia perder tudo? Mas foi divertido, eu ganhava dinheiro, era uma mulher de negócio, cheguei até mesmo a esquecer quem eu era, quem um dia voltaria a ser” (BRASIL, 2013, p. 40).

Ela é retratada como uma mulher fadada ao fracasso, com um destino já traçado, por

mais que lute contra o acaso, sempre voltaria ao seu lugar: o cais, a viver como uma mulher do cais. Sempre envolvida com os vagabundos do cais, e já com os negócios em crise, entrega o seu armazém nas mãos de um trapaceiro, que a leva à total falência: “E foi o fim de ‘dona Cremilda’, a mulher de negócio da beira do rio, aquela que inventou tanta história até herdar o armazém do velho Santana” (BRASIL, 2013, p. 40).

Mundoca, filha, neta e bisneta de prostituta, contra todos os prognósticos e um destino praticamente certo, não se torna uma desvalida: “Mundoca nunca teria um marinheiro nos braços, uma filhinha, aquela maldição ficaria ali” (BRASIL, 2013, p. 68). Se ela não sucumbiu à prostituição, não conseguiu fugir do estigma. Arranja um emprego na cidade, obra de “caridade”, graças ao altruísmo de sua madrinha. No entanto, a sua presença e aparência incomoda as clientes da loja que não se sentem à vontade com a jovem:

As freguesas evitavam conversa com Mundoca, os dentes estragados, outras tinham medo, o velho Jacinto se preocupava com os negócios. Ele tinha vontade, sim, de afastar aquela criatura esquisita da loja, mas a mulher continuava a espalhar que era por caridade, Mundoca tinha mãe para sustentar, eram umas desvalidas. (BRASIL, 2013, p. 67)

Além de ser malvista e sofrer diariamente com o preconceito destilado pelas clientes, Mundoca era obrigada a conviver com o assédio e as investidas do seu chefe e também padrinho. Em consequência disso, a personagem é retratada como uma mulher grosseira, triste, amargurada e, por vezes, até como louca. Vive a reclamar, se maldizer e a proferir toda espécie de injúrias. Não se tornar uma prostituta não foi o suficiente para livrar Mundoca do estigma que persegue as mulheres do cais fazendo que, apesar do seu esforço, ela ainda assim seja considerada uma criatura desvalida digna de caridade.

Mais do que uma reprodução realista, o romance escrito por Assis Brasil materializa discursos construídos historicamente sobre as mulheres e explora a problemática do pudor e da moralidade dos saberes médico e jurídico ao expor, a partir das vivências das personagens, as consequências negativas da prostituição.

Sobre a prostituta e as zonas de prostituição recaem diversos estereótipos. As mulheres que não seguem os padrões de comportamento esperado para o sexo feminino, representam tudo aquilo que uma mulher “honesta” não deveria ser. Seu modo de vida, o seu comportamento reprovável, entre outros fatores, a classificam moralmente criando estigmas ao seu redor.

Nesse sentido, os estigmas em torno da prostituição são construções ideológicas numa tentativa de explicar sua inferioridade e apontar o perigo que ela representa, pois significa racionalizar as animosidades baseadas em outras diferenças, como o sexo e as desigualdades entre as classes sociais. Os discursos criados sobre a prostituta e as Zonas de prostituição passam pela construção de personagens e territorialidades, por representações simbólicas que criam e desenvolvem práticas sociais discriminatórias. (MÁXIMO, 2019, p. 84)

Assim, o território do cais e as mulheres que nasciam ali representavam um perigo à moralidade parnaibana na época. Sobre os seus moradores foram traçadas fronteiras com o fim

de identificá-los, ajustá-los à uma descrição já definida e genérica, enquadrá-los e capturá-los. No que tange ao cais, à dicotomia existente entre ricos e pobres e à relação deste meio com a pobreza e a prostituição, os personagens que constituem os habitantes deste território são imaginariamente reunidos num mesmo espaço, no qual as fronteiras dos sentidos se dissipam e indivíduos que vivem nesse meio, como uma mulher, por exemplo, torna-se uma prostituta em potencial. Assim, ser identificada como uma moradora do cais significa, necessariamente, ser pobre e provavelmente prostituta. Essas imagens, obviamente, são formuladas por aqueles que veem a situação de fora, por pessoas que moram na “cidade” e são atravessadas por preconceitos e juízos de valor.

Alguns aspectos da prostituição retratados

Ainda que de forma tímida e quase despercebida, Assis Brasil revela alguns aspectos marcantes do mundo da prostituição como, por exemplo, a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. O autor destaca a participação, rotineira na época, de adolescentes e moças jovens no mercado sexual. Nesse sentido, podemos citar o caso de Luíza que começou a se prostituir ainda bem jovem.

De acordo com a narrativa de Assis Brasil, as protagonistas foram levadas a essa atividade pelas suas condições e trajetórias de vida. As personagens prostitutas retratadas em *Beira rio beira vida* se encontram em estado de grande vulnerabilidade social, o que na descrição do autor pode ser um fator que justifica tal prática. Fica sugerido que essas jovens, em muitos casos, são induzidas à essa atividade por adultos, como no caso de Luíza que recebeu a sugestão da própria mãe, além das suas carências e imaturidade emocional, o que fica claro nas suas reflexões e concepção de vida. Luíza acredita firmemente não possuir outras alternativas, pois esta é a sua sina. Assim, ela não tem pretensões e nem faz planos para o futuro, essa é a sua vida.

Segundo Margareth Rago (2008), o mundo da prostituição atendia a várias necessidades e funcionava como um polo aglutinador de determinados grupos sociais:

No bordel, buscava-se não apenas a transgressão dos comportamentos moralmente sancionados, mas os excessos, as fugas, os êxtases, os prazeres da orgia [...] Não importa a medida do prazer que era tingido no encontro dos corpos prostituídos. Importa ressaltar a existência de fantasias que moviam os indivíduos em direção ao mundo da prostituição – lugar de coesão social, forma simbólica e concreta de escapar ao isolamento da vida conjugal e do fechamento circular das teias que configuravam o âmbito da vida privada. (RAGO, 2008, p. 211)

Como destaca Rago, a prostituição proporciona os excessos, a fuga da rotina familiar, conjugal e dos padrões de comportamento moralmente aceitos ou tidos como aceitáveis. Na narrativa são perceptíveis as relações de dominação e poder entre os gêneros. No caso dos homens, em determinados momentos, pelo senso de superioridade, como podemos observar no trecho a seguir:

Nunca se esqueciam que tinham que pagar no fim. Estiravam as cédulas lisas ou amassadas, se despediam certos de que haviam liquidado um negócio, ou satisfeito um desejo, desejo que se compra por um preço razoável. [...] Se sentiam superiores. Era bem isso: eles se sentiam superiores, porque simplesmente a usavam, ou viam que existia gente mais miserável na sua trilha. (BRASIL, 2013, p. 146-147)

No entanto, na prostituição o que existe é um jogo circular de dominação. Se a prostituta é explorada sexualmente, por sua vez ela também explora o explorador: “a prostituta uniformiza os homens porque todos lhes são substituíveis” (RAGO, 2008, p. 221). Assis Brasil evidencia essa circularidade ao retratar a relação da prostituta com o cliente:

O carinho passageiro em seus rostos, as palavras forjadas para nunca mais voltar a ver as mesmas feições. Outras caras, outros dentes, outros cheiros, outros queixos, lisos e barbados, as promessas ingênuas. [...] outras vezes não prestava atenção naquelas repetidas cenas – eles vinham e desapareciam até quase de manhã, um era o outro, as palavras de um eram repetidas pelo seguinte. (BRASIL, 2013, p. 146-147)

Em outro momento, Assis Brasil revela alguns comportamentos durante a relação sexual: “Alguns queriam o escuro, amavam em silêncio. Outros se exibiam sob a luz da lamparina como macacos doidos” (BRASIL, 2013, p. 147). Também revela a existência de fetiches, como o desejo sexual pela mulher durante a gravidez. Grávida, Luíza chamava a atenção de inúmeros homens, de modo que a sua própria mãe a incentivava a manter relações sexuais nesse período. Os clientes insistiam muito e chegavam, inclusive, a oferecer mais dinheiro pelo coito. Isso fica claro no diálogo entre Luíza e a sua filha Mundoca:

Tua avó queria, insistiu quanta vezes. Cheguei a me deitar com marinheiro ainda de barriga, mas não fiz aquilo. Eles se danavam, queriam por força saber por quê. Ofereciam mais dinheiro. – “Luíza, você não sabe que a mulher assim é melhor?” diziam os descarados. Mas eu não dei o braço a torcer. E tua avó sempre insistindo, “Luíza, não faz mal, eles querem, tem uns que só gostam com a mulher assim”. [...] Acho que é porque a mulher fica mais apertada (BRASIL, 2013, p. 126-127).

Além dos aspectos já citados, como a forma que os gêneros se relacionam no que concerne à questão da dominação e do poder, o modo que os clientes se comportam durante a relação sexual e a existência de fetiches que são buscados no ambiente do bordel, um outro fator que Assis Brasil revela é a preferência dos clientes por mulheres jovens e como isso afeta emocional e psicologicamente o amadurecimento das mulheres prostitutas.

Com o envelhecimento de Cremilda, é Luíza que passar a imperar na casa: “solteira durante noites e noites, a mãe apenas espreitava pela cortina para depois dar conselhos altivos [...] Ou ia para a porta chorar baixinho” (BRASIL, 2013, p. 172). O fim de Cremilda é marcado pela solidão, pela tristeza e pela embriaguez. Na ocasião do seu falecimento, Luíza a encontra caída no chão, ao lado da rede, uma garrafa de cachaça ao lado derramada: “A mãe morta, embriagada. Morreu sozinha, não quis chamar ninguém. Que terá sentido?” (BRASIL, 2013, p. 157).

A velhice de Luíza também é marcada pela melancolia e pelo desaparecimento dos homens. Como no tempo de sua mãe, o dinheiro começa a minguar e o tempo em que os marinheiros faziam fila em sua porta passa.

Os homens deixaram a casa, um a um – foram desaparecendo em silêncio. [...] Um a um, diminuindo as gargalhadas, os palavrões não tinha mais casos para contar, até chegar o silêncio redondo: envelhecera. Ia se sentindo angustiada que as noites despovoavam, ficavam mais negras, corria da beira do rio à casa, ou caminhava lentamente – os sons do cais se perdiam (BRASIL, 2013, p.168).

No findar de sua vida, Luíza sente-se orgulhosa por sua filha Mundoca não ter seguido o mesmo caminho das mulheres do cais: “Mundoca quebrara a tradição das filhas das mulheres do cais. Não explorava homens, não se impressionava com as embarcações do rio” (BRASIL, 2013, p. 166). Para Luíza, já velha e com a visão comprometida, os dias melancólicos eram preenchidos à beira do cais, sentada com os pés na água, costurando vestidos para a velha boneca de infância Ceci, que agora era a sua companhia durante os dias que passavam tristes.

Considerações finais

Em *Beira rio beira vida*, Assis Brasil faz um registro narrativo, no qual apresenta ao leitor uma possibilidade de visualização de outra época, uma temporalidade marcada pela hierarquização da sociedade parnaibana. A narrativa se desenvolve a partir das reminiscências de Luíza que a constrói intercalando temporalidades numa vida linear, no entanto cíclica e repetitiva. O autor retrata histórias de vidas vividas no cais, de homens e mulheres pobres, aborda o processo de modernização pelo qual a cidade passa no período e, principalmente, tece formulações de causa e efeito relacionados à prostituição. Revela, por meio de suas personagens, o estado de subsistência de mulheres expostas à miséria, aos preconceitos sociais e morais.

Assis Brasil, apesar de lançar um olhar sensível sobre um tema tabu, não deixa de revelar na sua escritura valores de sua época e isso fica evidente em muitos momentos na narrativa do romance. O autor reproduz um discurso que priva as mulheres prostitutas da autonomia do seu corpo e de sua vida, retratando-as como desprovidas de alternativas; que não separa as vivências na prostituição das experiências íntimas fora dela, que considera o corpo e o ato sexual como uma unidade, ignorando a diversidade das relações sociais.

Em *Beira rio beira vida*, a mulher prostituta está confinada no circuito geográfico do cais que é marcado pela miséria, de modo que o autor reproduz uma visão que coloca a pobreza e até a degeneração como causas únicas da prostituição. A condição de pobreza e a forma como levam a vida, em desacordo com as normas, as impedem de ter uma vida diferente.

O fim trágico das personagens, como o de Cremilda, por exemplo, que faleceu bêbada e sozinha, nos mostra como o castigo ou punição a essas mulheres textualiza a moralidade da época. A vitimização da prostituta e dos personagens afetivamente ligados a elas, que se desenrolam em finais trágicos como a fatídica morte de Jessé, entendida como um castigo não para

ele próprio, mas para que Luíza não se tornasse uma mulher casada, constitui uma visão política sobre a prostituição, representando um perigo, algo que deve ser combatido e castigado, seja pela morte ou pelo adoecimento físico e/ou psíquico.

Referências

BARROS, José D'Assumpção. *HISTÓRIA E LITERATURA - novas relações para os novos tempos*. Contemporâneo Revista de Artes e Humanidades, nº6, mai-out 2010. p. 10. Disponível em: http://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2_historia.pdf Acessado em 06/09/2020

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *Beira rio beira vida*. 15. ed. Teresina: Edições do Autor, 2013.

FENELON, Déa Ribeiro. *Cidades*. Pesquisa em História. São Paulo: Olhos D'água, 1999.

MÁXIMO, Irisneide. *Desejo, prazer e dor: Faces da prostituição feminina em Floriano-PI entre as décadas de 1930 e 1970*. 142 f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História do Brasil, UFPI, Teresina, 2019.

MORAIS, Erasmo Carlos Amorim. *Memórias do cais: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940-1960)*. 2012, 137 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *História, Literatura, Sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SILVA, Josenias dos Santos. *Parnaíba e o avesso da belle époque: cotidiano e pobreza (1930-1950)*. 12 f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História do Brasil, UFPI, Teresina, 2012.

SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de. *1968- Almanack da Parnahyba: desejo de modernidade sob o véu da barbárie em Parnaíba - Piauí (1924 - 1941)*. 201 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História, 2018.

SOUZA, Priscila de Moura. *ASSIS BRASIL ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO: transformações urbanas, sociabilidades de gênero e representações de Parnaíba nas décadas de 1930 e 1940*. 202 f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História do Brasil, UFPI, Teresina, 2018.

Submetido em: 30/09/2020

Aprovado em: 18/11/2020